

Armando

Geografia da População!
Prof. Armando

A GEOGRAFIA E A TOTALIDADE ESTRUTURAL EM CRISE DE FUNDAMENTOS

Armando Corrêa da Silva*
Universidade de São Paulo

O Simpósio Teoria & Ensino da Geografia propõe o tema O PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO E A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO.

Efetivamente o mundo mudou desde o pós-guerra, sugerindo, neste início de década de 80, alguma reflexão.

Tomo o tema no sentido indicado pelo título acima, porque a nova divisão internacional do trabalho impõe novas questões. Em 1978 a tomada de consciência disso aparecia a este autor do seguinte modo: "Será preciso lembrar que o núcleo da discussão anterior foi a noção de processo? Como se fazia essa discussão? Através das disparidades regionais, a expressão geográfica da contradição. Mas havia uma preocupação com a formação do espaço, cujos aspectos históricos sempre estavam presentes. A preocupação ainda existe - em alguma, acentuada - mas, permeada, em diferentes graus, pela discussão, não mais da formação de uma estrutura, mas pelo debate a respeito do movimento dessa estrutura..." (Silva, 1978: 2).

Em seguida, fazia-se alguma referência aos métodos e às técnicas. Dizia-se: "Mas, não é através da busca dos métodos e das técnicas, nem que sofisticados e apoiados no extraordinário arsenal do fazer prático de hoje, que a questão pode resolver-se. Esse caminho acentuará cada vez mais a fragmentação do conhecimento, no caminho do modo operacional de produzir.

"Não opor-se à divisão intelectual do trabalho e, apesar disso, reencontrar a identidade do saber na multiplicidade das idéias exige mais do que apenas o fazer prático, do passado, ou o fazer técnico do presente". (Silva, 1978: 3).

Refletindo sobre o assunto, em outra ocasião, argumentava o seguinte: "Em primeiro lugar, o espaço da geografia é o próprio

* Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

espaço de sua subtotalidade. Por isso, é um espaço de ciência e ideologia, que se relaciona com outros espaços na interdisciplinaridade das múltiplas subtotalidades.

"Em segundo lugar, o espaço da geografia é o seu próprio espaço interno, como espaço da natureza e espaço da sociedade. Espaço ontologicamente diferenciado, mas relacionado geneticamente, e que apresenta mediações.

"Em terceiro lugar, o espaço da geografia é o espaço referido ao segmento do real, cuja escolha depende do que se deseja e do conhecimento do real em seu movimento na particularidade.

"Em quarto lugar, o espaço da geografia é o subespaço do real que remete à subtotalidade em seu conjunto, no retorno que dá sentido à aproximação em relação ao objeto.

"Em quinto lugar, o espaço da geografia é o discurso que extrapola a subtotalidade, na consciência realizada como compreensão do real no todo e na parte". (Silva, 1982: 23/4).

Penso que agora um novo esforço teórico deve desenvolver-se na direção da solução de um problema da teoria do conhecimento que pode explicitar-se como segue: a relação homem-natureza em geografia é a relação população-espaço.

As questões que vêm a seguir referem-se a essa relação.

A AUSÊNCIA DO SER SOCIAL

Uma antiga discussão, sempre retomada, é a do método da economia política. (Marx, 1946: 219). Diz Marx: "Quando estudamos um país determinado do ponto de vista da economia política, começamos por sua população, a divisão desta em classes, seu estabelecimento nas cidades, nos campos, na orla marítima; os diferentes ramos da produção, a exportação e a importação, a produção e o consumo anuais, os preços das mercadorias, etc. Parece mais correto começar pelo que há de concreto e real nos dados; assim, pois, na economia, pela população, que é a base e sujeito de todo o ato social da produção. Todavia, hem analisado, este método seria falso".

O autor não diz, no entanto, se é incorreto tratar da população em relação ao espaço, porque esta discussão não se propunha então. A Geografia era uma ciência alheia às questões sociais, como o é ainda hoje, com poucas exceções.

É possível considerar a população como ser social?

Não obstante a população apresentar-se dividida em classes, ela é, nos países de economia capitalista e dependentes desta, o modo como se apresenta o social. E o seu modo político é a democracia.

Ora, um dos resultados do período técnico-científico no Ocidente, foi o aparecimento de uma extensa classe média que está de muitos modos ligada à produção material da existência, principalmente na esfera da circulação. O modo de produção capitalista vem tornando cada vez mais homogêneas a produção e o consumo. Isto, não obstante, parece contraditório quando se considera o caso dos geógrafos. É que estes lidam com a educação e o ensino, que são superestruturas relacionadas ao Estado. Portanto, ideologias.

A população, como ser social, é, então, o mesmo que o povo, a sociedade civil.

A sociedade que se deseja construir é, assim, algo indissociado das classes trabalhadoras, que representam, nas esferas da produção e da circulação, a maioria social.

O ESPAÇO SOCIAL EXCLUÍDO

Não obstante ser a maioria da população e sua expressão social, o conjunto dos trabalhadores manuais e intelectuais encontra-se espacialmente excluído.

(O espaço social é, então, um espaço socialmente produzido mas não pertence aos que o produzem.) *— modus x apropriação*

Mas, em uma democracia o acesso, pelo menos, à moradia, é condição indispensável à sua efetivação. Mesmo tendo um custo social a moradia é um valor de uso antes de ser um valor de troca, embora ela seja em grande parte construída como um valor de troca para uso (Harvey, 1980).

A Geografia tem estado alheia ao espaço social como algo que se defina a partir do direito social. Por isso, igualmente, tem ignorado o aspecto político desta questão.

Numa sociedade democraticamente igualitária, em que o direito formal não tenha lugar, o espaço social é igual ao espaço político, porque tem ambos como fundamento a apropriação igual ao nível da produção.

GEOGRAFIA FÍSICA E SER SOCIAL

O ser social em Geografia Física mostra-se através das políticas em relação ao meio ambiente. O físico é, assim, importante para a população.

Não obstante os estudos monográficos a propósito de aspectos físicos do meio ambiente - e eles são necessários - a população encontra-se desigualmente distribuída em relação ao subsolo, ao relevo, ao solo, à vegetação e ao clima, sem falar da fauna.

Mesmo quando se trata do clima e meio ambiente revela-se desigual à população (Cruz, 1974).

Quando se trata do físico enquanto recursos naturais e patrimônio da população pode-se falar em uma questão ambiental (Monteiro, 1981).

A relação população-espaco adquire um significado específico em Geografia Física. A destruição ou depredação do ambiente natural, assim como os seus usos, ou abusos, atinge a relação homem-natureza como população que se vê privada de elementos essenciais à vida, em relação a um espaço físico que se vê destituído de seu valor.

O físico é o modo natural de por-se o ambiente em que vive o homem. Ele depende do mesmo enquanto população que vive a superfície da Terra como sua morada, antes que sua moradia (Hartshorne, 1978).

GEOGRAFIA HUMANA E SER SOCIAL

A questão ambiental e a questão social são inseparáveis.

Essa indissolubilidade aparece quando o geográfico é a expressão da relação população-espaco. Não obstante, essa relação não se explicita facilmente.

Ela é relação população-espaco natural e população-espaco social. Daí a possibilidade de uma Geografia Humana diferente de uma Geografia Física. Trata-se de um recorte ontológico ou de duas epistemologias diversas? (Lukács, 1979).

Se há uma continuidade entre o natural e o social como realizar o recorte? A natureza deve aparecer como recursos e como meio de vida; a sociedade aparece como o sujeito de que a população é aquela "base e sujeito de todo o ato social da produção".

Há, aqui, uma questão complexa: a população só pode ser sujeito se a sociedade, dividida em classes, também o é. Ou seja, a população é condição necessária do "ato social da produção", que é um atributo da sociedade.

Há, então, também, uma diversidade de epistemologias, desde que efetivado o recorte corretamente.

A Geografia Humana põe-se, assim, como a relação população-espaco que tenta desvendar seu ser social próprio.

Produção do espaço, espaço a produzir, espaço em produção e espaço produzido são, pois, aspectos do mesmo fenômeno relacional. Em qualquer caso o espaço, neste caso, é social.

O espaço social também revela-se desigual à população.

A DESIGUALDADE NA TOTALIDADE

A crítica à ideologia, enquanto instrumento de reposição do ser natural e social em seus parâmetros geográficos, desvendando com isso os interesses de classes, ocorre como trabalho necessário à busca da totalidade.

A classe dominante, nos países de economia capitalista ou dependentes desta, interessa a separação entre Geografia Física e Geografia Humana, principalmente se estas são reduzidas a técnicas meramente operacionais.

Por isso, parecem ocorrer duas epistemologias irreconciliáveis.

Não obstante, os objetos são diversos. Porque essa desigualdade na totalidade?

Nos últimos 30 anos o desenvolvimento tecnológico foi grande, repondo a questão de se é a cultura que determina a técnica ou o contrário? (Trotsky, 1981).

Nesse período a técnica empurrou a ciência e a cultura para limites antes desconhecidos. Agora, com a crise mundial, a ciência e a cultura começam a retomar sua determinação sobre a técnica.

O espaço natural e o espaço social tornaram-se mais desiguais em sua diversidade revelando uma modalidade de desenvolvimento predatória. É preciso, então, realizar a crítica desse avanço. Como conseguir reunir os fragmentos do conhecimento em uma totalidade coerente?

Não se trata de fazer a crítica da geografia tradicional. Isso já foi feito. (Santos, 1980; Moraes, 1981). Assim como à resposta neo-positivista.

Trata-se de esboçar os pressupostos da unidade do conhecimento, para além da corporação científica.

A Universidade tornou-se um repositório acadêmico de questões incompatíveis com o status oficial, mas desenvolvendo a sua função amortecedora do conhecimento novo.

A quem interessa o conhecimento novo?

No país em desenvolvimento, mas vivendo a crise mundial, o conhecimento novo desdobra-se em duas direções: uma, mais ágil, é o desdobramento do conhecimento técnico-científico recente, pragmático, mas destituído de teleologia; esta vincula-se aos esforços não ligados ao Estado Maior ou aos professores (Lacoste, 1978) e é menos ágil, porque marginalizada.

Trata-se, então, de ultrapassar os compromissos teóricos e empíricos do saber que se põe no modo complementar de desenvolvimento (Silva, 1978), assim como na "via colonial" (Chasin, 1978).

Qual o significado da nova divisão internacional do trabalho?

Da antiga divisão econômica e geográfica, passa-se a uma divisão técnica-científica em que a competição se faz pela necessidade imediata do mercado, ligada à qualidade do produto, mesmo que para tornar-se logo obsoleto. É preciso fazer circular a "mais-valia", mesmo que para concentrá-la aqui e ali.

ORGANIZAR O ESPAÇO PARA QUEM?

O espaço novo organiza-se na fábrica, no momento em que a produção é contestada por quem produz mas deve, simultaneamente, pagar por sua organização, alheia aos principais interessados.

O espaço organizado torna-se uma prisão na segregação dos despossuídos.

É preciso, então, "abrir espaço". Na linguagem dos jornalistas o futuro se põe na práxis cotidiana.

A população do espaço excluído das fábricas encontra-se com a população do espaço limitado das várias espécies de intelectuais.

E o futuro o que é? Tem que ser uma relação população-espaço sem exclusões ou limitações.

Na perspectiva democrática não abstrata trata-se do direito concreto de organizar o espaço para si, independente dos impedimentos coercitivos do poder.

A descentralização torna-se então uma arma de duplo alcance: ela interessa ao poder, ela interessa aos ausentes do poder. A unidade passa, pois, pelo difícil exercício de uma dialética que nasce dos oprimidos mas é logo comprometida pelo poder.

A RECUPERAÇÃO DO PASSADO HISTÓRICO

Quem viu o futuro antes? Quem lutou por uma organização democrática do espaço? Quem é, então, população, como "base e sujeito de todo ato social"?

A população conhece o seu espaço, embora dele excluída e a ele delimitado. Por isso interessa a ela a preservação daquilo que ainda é teleologia do futuro. Porque o espaço é ele mesmo componente de sua efetivação: a população o sabe. Ele guarda a história do presente, mesmo quando assaltado pela produção do valor para outros.

O novo contém, então, o passado. Aquilo que, antes, marcou o desenho do espaço. O desenho do espaço é a memória espacial da população. Ela o sabe.

O que mudou?

Apenas o resultado do período técnico-científico?

Ou, ainda, apenas a permanência renovada das "ruínas"

A população, como ser social, interessa o passado, o presente e o futuro. A população não é apenas o presente, mesmo porque o desenvolvimento não é uniforme.

O PRESENTE INCOMPLETO

No país em desenvolvimento, o passado e o futuro estão contidos no presente. Não é possível mais regressar, embora o passado seja o tempo da memória mais sedimentada.

No entanto, o futuro não é o que se deseja socialmente. Ele apenas traz em si o desenho do "vir-a-ser", mas com contornos imprecisos.

O presente torna-se, então, a possibilidade. É, a possibilidade é o fazer incompleto. O que ainda não é efetividade.

A relação população-espaco é, assim, uma colagem de futuro e passado no fazer-se agora. A teleologia é substituída pela ação não pensada, pelo preencher os espaços vazios, no movimento das estruturas sem fundamentos.

Não há, então, apenas o historiador do presente (George, 1966), mas há, também, o historiador do futuro: o planejador.

O FUTURO NO PAPEL

A ideologia torna-se componente do plano.

O que vai ser é o projeto. Não o projeto do existencialismo, mas o projeto técnico-científico, do pragmatismo contemporâneo.

A população está contida no projeto mesmo que não participe de sua elaboração. A possibilidade democrática da participação abre uma perspectiva de decisão por representação que pode apenas tornar-se mais um elemento do jogo do poder.

Trata-se de torná-la efetiva.

Mas, o projeto já nasce com compromissos porque não é possível descartar simplesmente o passado.

A população vislumbra a possibilidade de participação como o modo democrático de incluir-se no plano.

Qual espaço é possível organizar?

O ESPAÇO COMO SUPERESTRUTURA

No momento em que a população é chamada a participar da organização do espaço este se torna componente da superestrutura da sociedade, como espaço futuro no projeto.

O espaço na consciência interage com o espaço como base, suporte, apoio (Claval, 1973).

Uma dialética espacial?

O espaço técnico-científico passa a conformar o espaço suporte.

Pode tornar-se um novo espaço de dominação.

É de fato um espaço, pelo menos, de mediação ao poder.

Podem os excluídos ter acesso a ele?

A população, assim, diversifica-se em várias populações, em vários espaços.

FUNDAMENTOS DE UMA PERSPECTIVA

A Geografia, na perspectiva de uma população que é "base e sujeito de todo o ato social", e que se defronta com um espaço dividido (Santos, 1979), encontra-se no dilema de ultrapassar suas atuais limitações.

Para isso, deve expor seus fundamentos.

A população é sujeito e objeto do fazer-se Geografia. O espaço é infra-estrutura e superestrutura do fazer-se Geografia.

A população é sujeito quando é sinônimo de sociedade, ou quando se considera dividida em classes. A população é objeto quando sobre ela recai a ação da sociedade.

O espaço é infra-estrutura quando é suporte, apoio base; o espaço é superestrutura quando é sujeito do plano.

A relação é, então, complexa.

Como o período técnico-científico se relaciona com a organização do espaço?

TOTALIDADE OU SUBTOTALIDADE?

Uma grande parte da sociedade encontra-se alheia ao período técnico-científico embora dele seja obrigado a participar. Assim, o espaço organizado para ela é um espaço provisório.

Outra parte da sociedade é responsável pelo período técnico-científico e pela organização do espaço.

A totalidade é, então, uma subtotalidade, porque depende de uma totalidade maior, embora numericamente inferior.

A desigualdade é, pois, a expressão direta da crise de fundamentos da estrutura.

Compor a unidade com os fragmentos é impossível, porque a relação população-espaco tornou-se um conjunto de relações população-espaco.

A Geografia ganha sua unidade às custas de suas rupturas internas.

A possibilidade de compor um quadro do período técnico-científico e sua relação com a organização do espaço pode dar-se por dois caminhos: o do levantamento dos dados empíricos correspondentes a esse período, ou o do caminho da reflexão crítica que se encontra no limiar da consciência possível.

O simples levantamento dos dados nada acrescenta ao que se sabe e serve apenas para mascarar a consciência da crise.

A verdadeira razão da crise está no fato de que a Geografia está carente de fundamentos capazes de dar conta de sua teleologia.

Nesse caso, a realidade impõe-se na descoberta da perspectiva. A população descobre no dia-a-dia o caminho do futuro.

Porque a população sabe o espaço que deseja para si, numa perspectiva democrática.

A Geografia pode contribuir para isso.

BIBLIOGRAFIA

- Chasin, J. (1978) O Integralismo de Plínio Salgado (Forma de Regressividade no Capitalismo Hiper-Tardio), Livraria Editora Ciências Humanas Ltda., São Paulo.
- Claval, P. (1973) Principes de Géographie Sociale, Editions M. TH. Génin, Librairies Techniques, Paris.
- Cruz, O. (1974) A Serra do Mar e o Litoral na Área de Caraguatatuba. Contribuição à Geomorfologia Tropical Litorânea. Instituto de Geografia. Série Teses e Monografias nº 11, Universidade de São Paulo. São Paulo.
- George, P. (1966) Problemas, Doutrina e Método in George, P., Guglielmo R., Kayser, B., Y. Lacoste, A Geografia Ativa, tradução de Gil Toledo, Manuel Seabra, Nelson De La Corte e Vincenzo Bouchicchio, Difusão Européia do Livro Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Hartshorne, R. (1978) Propósitos e Natureza da Geografia, Tradução de Thomaz Newlands Neto, Supervisão de Fábio M. S. Guimarães e L.M.C. Bernardes, Editora HUCITEC, Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Harvey, D. (1980) A Justiça Social e a Cidade, tradução de Armando Corrêa da Silva, Editora HUCITEC, São Paulo.
- Lacoste, Y. (1978) "A Geografia" in Chaulet, F., Filosofia das Ciências Sociais, Zahar, Rio de Janeiro.
- Lukács, G. (1979) Ontologia do Ser Social. Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx, tradução de Carlos Nelson Coutinho, Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo.

- Marx, K. (1946) Crítica da Economia Política, tradução de Florestan Fernandes, Editora Flama Limitada, São Paulo.
- Monteiro, C.A. de F. (1981) A Questão Ambiental no Brasil. 1960-1980; Instituto de Geografia. Série Teses e Monografias nº 42. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Moraes, A. C. R. (1981) Geografia. Pequena História Crítica, Editora HUCITEC, São Paulo.
- Santos, M. (1979) O Espaço Dividido. Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos, Tradução de Myrno T. Rego Viana, Livraria Francisco Alves Editora S.A., Rio de Janeiro.
- Santos, M. (1980) Por Uma Geografia Nova, segunda edição, Editora HUCITEC, São Paulo.
- Silva, A. C. da (1978) O Espaço Fora do Lugar, Editora HUCITEC, São Paulo.
- Silva, A. C. da (1982) Contribuição à Crítica da Crise da Geografia in Santos, M., Novos Rumos da Geografia Brasileira, Editora HUCITEC, São Paulo.
- Trotsky, L. (1981) "Cultura e Socialismo" in Trotsky. Política, Editora Ática S.A., tradução de Monique Faleck, São Paulo.